



## 19 de Kislev 5732 - 1972

O Midrash afirma sobre este versículo: “O encanto é falso e a beleza é vã” que refere-se às gerações de Moshé e Yehoshua. Ou, de acordo com outra opinião, a geração do Rei Chizkiyáhu. “Uma mulher temente a D’us é a que deve ser louvada” refere-se à geração de Rabi Yehudá ben Ilai, uma geração que passou por decretos terrivelmente cruéis. “Seis pessoas vestiam uma roupa e estudavam a Torá.”

Ou, como explica o Midrash, foi uma geração de decretos de morte. O Midrash explica: a conexão entre todas estas gerações é o seu nível de dedicação ao estudo da Torá. Há um nível de estudo da Torá que pode ser considerado cheio de “encanto”, e há o estudo da Torá que pode ser considerado “belo”. Há um terceiro nível de estudo de Torá que é considerado como sendo o resultado do “temor a D’us”.

Porém, o Midrash nos fala que os primeiros dois níveis são “falso” e “vão”, enquanto o terceiro é “digno de louvor”. Como podemos chamar de falso o estudo da Torá da geração de Moshé — Moshé é quem recebeu a Torá no Sinai, e toda a sua geração é chamada “uma geração de conhecimento”? Está explicado que o próprio versículo dá o motivo pelo qual o versículo chama este estudo de Torá de “falso” e “vão”. É falso porque é “encanto” — porque eles podiam sentir o valor de seu estudo de Torá — era encantador para eles.

A geração de Moshé estudava Torá num nível espiritual extremamente elevado, a ponto de os nossos sábios declararem: “A Torá só foi dada à geração que comeu a Maná”. Porém, faltava o esforço humano. Seu estudo de Torá era com tamanho vigor e com tremendo sucesso, já que envolvia “encanto”; encontrou favor aos olhos de D’us, e, como resultado, também encantava o povo. Seria de se espantar se eles não tivessem alcançado um nível tão grande de estudo da Torá!

Como podemos saber se o estudo tornou-se “verdade” para a pessoa; Que todo o seu ser, do início ao fim, mente, coração, e até mesmo os pés — todos se tornaram uma existência de Torá? É impossível determinar quando o estudo da Torá está no nível de “encanto”, como na geração de Moshé. Pois não havia necessidade de a pessoa se forçar intelectualmente; a cabeça que “conduz todo o corpo” o instrui a se envolver no estudo da Torá e ser um “judeu da Torá”.



O mesmo se aplica à segunda interpretação do Midrash — que ela se refere à geração do rei Chizkiyáhu, rei de Yehudá. Durante o seu reinado, o estudo da Torá era muito difundido. O Talmud relata que eles tinham “enviado pessoas e checado”, e foram incapazes de encontrar um simples menino ou menina naquela época que não conhecia as complexas leis de pureza ritual. Mas considerar tal estudo de Torá como “louvável” não é totalmente possível. Nós não podemos nem mesmo chamá-lo de “verdade”, já que não existe um meio de saber; ainda não foi testado. Enquanto ele não foi testado e comprovado, não há nenhum meio de saber como ele seria na adversidade.

Por outro lado, mais tarde houve uma situação considerada “uma mulher temente a D’us”: uma pessoa que não tem explicação por sua dedicação — ele não vê Divindade; como descrito nos Salmos: “nossos pais nos falaram”, mas “nós não vimos os milagres”. Ele nasceu naquele país, seu pai cresceu lá; ele nunca viu uma vida abertamente de Torá, nunca viu qualquer aspecto de Torá ou mitsvot que não envolvia perseguição. Não havia saída nem esperança, por meios naturais, de ser livre. Esta era a situação cinco anos atrás, e mais ainda, quinze anos atrás, vinte anos, até mesmo cinqüenta anos atrás. Cinqüenta anos são considerados uma “eternidade” na lei judaica, e esta situação durou por mais de cinqüenta anos.

Não havia saída, nenhuma possibilidade lógica, de um meio de se livrar disso. Perguntaram a eles: “Por quê? Vocês vêem encanto nisso?” ‘Nós não vimos os milagres’ — ele tem de admitir que não viu tal coisa. Quando ele sai à rua, ele vê um inimigo. Até mesmo em sua própria casa ele precisa estar alerta, já que eles poderiam estar escutando atrás da porta ou da janela. Ele não pode confiar naqueles que entram em sua casa, pois se eles forem forçados a contar, podem não suportar o teste. Ele precisa até mesmo estar atento àqueles que vivem sob o mesmo teto. Afinal de contas, o Talmud afirma que “se eles fossem torturados” — com relação a Chanania, Mishael, e Azariá, quem sabe — nós sabemos de fato — o que teria acontecido.

Ainda assim, ele responde, ele não tem nenhuma explicação lógica. Ele não vê nenhum “encanto”, ele não vê “beleza” alguma. Ele não vê nenhuma recompensa por suas ações neste mundo. De fato, ele nem mesmo espera uma recompensa no Mundo Vindouro, já que ele só pode estudar Torá num tempo que não seja ‘nem dia nem noite’. Afinal, caso contrário eles o prenderão e



tomarão seu filho e o mandarão embora. Ele estuda Torá — não existem livros, não há nenhum professor, não há nenhuma Yeshivá, não há absolutamente nada. Assim, ele acredita que o seu estudo da Torá está longe da perfeição.

Ele poderia dizer que o seu estudo da Torá é “belo”? Ele precisa ser honesto; ele não vê beleza nele. Então, nós lhe perguntamos: “Se você não vê nenhuma beleza, nenhum encanto, por que está arriscando a sua vida?” Ele responde: “Eu não conheço nenhuma razão”, e ele não procura por nenhum motivo — “Eu temo a D’us” — ele tem medo de D’us! Não obstante, o Midrash diz que esta não é somente a mais verdadeira forma de estudo da Torá, mas até mesmo mais do que isso: aqueles à sua volta constantemente o louvam.

Quando o estudo de Torá das gerações de Moshé e Yehoshua atingem a sua perfeição? Por eles próprios, podem ser considerados “o encanto é falso” e “a beleza é vã”. Mas quando aparece uma geração que é oprimida e mantida em cativeiro, uma geração na qual só restou o “temor a D’us”; Com relação à beleza da Torá, eles não vêem uma Yeshivá ou um Rosh Yeshivá, eles não vêem livros sagrados; ninguém lhes dá um tapinha nas costas e diz: “Você está indo muito bem em seus estudos, você fez uma pergunta boa, e ofereceu uma boa resposta”. Aí é que nós podemos ver que estas pessoas são “uma mulher temente a D’us” de verdade; eles estudam Torá apesar de todas essas dificuldades. Isto dá força e “merecimento” para o estudo de Torá da geração do Rei Chizkiyáhu e da geração de Yehoshua, e até leva o estudo de Torá da geração de Moshé à perfeição.